

## Maniqueísmo às Avessas

---

*BERNADETE PASOLD\**

---

É bastante difícil, atualmente, escrever sobre Clarice Lispector de uma forma racional. A crítica brasileira (e mesmo francesa) contemporânea se desfaz em encômios à autora. No entanto, tal crítica costuma se fixar em passagens ou aspectos de seus romances, e sobretudo nos seus contos. Verifica-se, pois, a ausência de um estudo diacrônico de sua obra romanesca, que leve a uma visão mais ampla da mesma. Benedito Nunes,<sup>1</sup> Assis Brasil,<sup>2</sup> Luiz Costa Lima<sup>3</sup> e Olga de Sá<sup>4</sup> escreveram longos e argutos ensaios sobre ela, mas focalizando principalmente três dos seus sete romances — **A Maçã no Escuro**, **A Paixão Segundo G.H.** e **Perto do Coração Selvagem**. Por outro lado, Affonso Romano de Sant'Anna descarta a possibilidade de uma leitura lógica da obra de Clarice: "A obra de Clarice não é um produto intelectual mas a resultante de uma consciência estranha e aberta para as regiões mais íntimas do ser. Por isto se pode dizer que a melhor maneira de ler Clarice não é racionalmente. Os leitores lógicos e matemáticos sempre se deram mal com ela".<sup>5</sup>

---

\*Universidade Federal de Santa Catarina.

A própria Clarice reconhecia a ausência de lógica e coerência em muitos dos seus trabalhos, como vemos em *Água Viva*: "Não sei sobre o que estou escrevendo, sou obscura para mim mesma". Ela dá um conselho ao leitor: "O que te digo deve ser lido rapidamente, como quando se olha".<sup>6</sup>

Esta postura de rejeição da lógica por parte do leitor/receptor parece-me possível numa leitura que vise apenas a fruição, o prazer. Ela me parece inadequada, se não impossível, para o estudioso que se debruça sobre a obra inteira de um autor. E cabe aqui a pergunta: que direito tem o autor de exigir de seu leitor a inércia de sua faculdade racional? Afinal, quando lemos usamos a mente e a sensibilidade. O próprio ato de ler já implica no uso de nossas faculdades mais elevadas. Alguns romances de Clarice, por sua vez, como os citados acima, exigem do leitor um esforço intelectual inusitado. Lê-los sem tal esforço seria o mesmo que ler *Ulysses* apenas por passatempo, e com um resultado final igualmente desolador. Recusei-me, pois, tal postura na leitura dos romances de Clarice Lispector e esse posicionamento crítico levou-me a uma série de constatações, das quais selecionei algumas para o presente artigo.

É interessante observar, como já o fez Assis Brasil,<sup>7</sup> o pensamento filosófico primitivista da autora. Esse primitivismo se revela de várias maneiras em sua obra romanesca: na importância atribuída à vida em sua essência e na idéia de que o importante é estar vivo, apesar de tudo; na ênfase dada às sensações e ao corpo; no elogio à raiva, ao ódio, ao mal como sintomas de vida e na conseqüente rejeição da bondade, símbolo da inércia e da civilização; na idéia, freqüentemente enfatizada, de que o homem deve aceitar seu lado animal, o não-humano; na identificação entre o homem e os animais, às vezes considerado inferior a eles. Tais idéias são reforçadas pela presença de personagens que revelam a predominância das sensações e dos instintos sobre a razão e não possuem livre arbítrio (Joana, Virgínia, Lucrécia, Macabéa). Algumas procuram o não-humano como um estágio em sua busca de auto-identificação, como Martim, G.H. e Lóri (*A Maçã no Escuro*, *A Paixão Segundo G.H.* e *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*), outros, como Virgínia e Lucrécia (*O Lustre* e *A Cidade Sitiada*) já nasceram em

tal estágio e não ultrapassam, nem a isso almejam.

Acrescente-se a essas características primitivas a localização quase abstrata das personagens clariceanas que parecem habitar um mundo vazio. Com exceção de **Uma Aprendizagem e A Hora da Estrela** que têm o Rio de Janeiro como localização, esta é indefinida nos demais romances e poderia ser qualquer lugar. O ápice do individualismo ocorre em **A Paixão Segundo G.H.**, onde a única personagem se move em um quarto, sem conteúdo simbólico aparente.

A solidão das personagens se acrescenta a ausência de preocupação com o relacionamento humano e um enfoque bastante acen-tuado no desejo de auto-afirmação e solidão por parte das personagens.

Culminando as características até aqui expostas, Clarice Lispector parece ter desenvolvido o que eu chamo de "Maniqueísmo às avessas"; o mal e o bem não se distinguem, e a ação não apenas não tem ligação com o íntimo da personagem mas freqüentemente estão os dois em contradição. Assim, em **O Lustre** Virgínia reflete o seguinte sobre seu irmão Daniel:

"Ele nada faria mas era corajoso como um colérico, como um conquistador. Ele nunca se moveria para salvar, quem sabe, mesmo uma criança, mas era generoso assim como ela viveria mesmo sem se mover" (**O Lustre**, p. 100).

No mesmo livro, Virgínia cospe no copo d'água de uma visita, e o narrador conclui:

"Agora ela sabia que era boa mas que sua bondade não impedia sua maldade" (**O Lustre**, p. 75).

Em **A Maçã no Escuro**, Vitória reflete sobre si mesma e sua prima Ermelinda:

"O que é que faz com que eu, não fazendo um ato de maldade, seja ruim? e Ermelinda, não fazendo um ato de bondade, seja boa?" (**A Maçã no Escuro**, p. 65).

No mesmo livro, Martim não vê diferença entre a bondade e a maldade, a não ser em seus resultados, de somenos importância:

"Oh, mas é como se a maldade fosse a mesma coisa que a bondade, apenas com resultados práticos diversos: mas vem do mesmo desejo

cego, como se a maldade fosse a falta de organização da bondade; muitas vezes a bondade muito intensa se transforma em maldade" (*A Maçã*, p. 310).

Em *Perto do Coração Selvagem* Joana declara:

"Mas a bondade me dá realmente ânsias de vomitar" (*Perto do Coração Selvagem*, p. 156).

O velho que lhe trouxera o livro solicitado recebe-o na nuca, já perto da porta, e o seu olhar surpreso e magoado a deixa satisfeita.

Em *A Cidade Sitiada* Lucrecia ama a raiva do namorado:

"Tudo o que a moça amava no tenente era a ira espumante em que ele podia cair" (*A Cidade Sitiada*, p. 50).

Tanto em *A Maçã no Escuro* como em *Uma Aprendizagem* o mal e a ira são bem-vindos:

"... o mal está sendo feito", pensou com força, e sua vista se escureceu de gosto e de vingança; o sol a queimava — o mal, que era o símbolo de estar viva" (*Ermelinda*, em *A Maçã no Escuro*, p. 151).

"Vento é ira, ira é a vida" (Lóri, em *Uma Aprendizagem*, p. 36).

Também em *Perto do Coração Selvagem* amor e ódio se confundem:

"Estava subitamente mais livre, com mais raiva de tudo, sentiu triunfante. No entanto, não era raiva, mas amor. Amor tão forte que esgotava sua paixão na força do ódio" (*Perto do Coração Selvagem*, p. 64, 65).

Parece-me que, em seu horror ao maniqueísmo, Clarice Lispector virou-o de cabeça para baixo, indo para o extremo oposto. É evidente que, uma vez que as personagens são colocadas sozinhas num mundo privado, os "resultados práticos diversos" a que ela alude tão levianamente em *A Maçã no Escuro* podem ser considerados sem importância. Seria muito diferente se ela tivesse colocado suas personagens na sociedade, na vida diária comum em que as pessoas trabalham e precisam manter contato umas com as outras. Na vida social os resultados diferentes do bem e do mal são muito importantes, na verdade, como ela mesma mostrou em seu último romance,

**A Hora da Estrela**, no qual não se encontra nenhuma referência aos tópicos aqui abordados. Por outro lado, esse maniqueísmo às avessas da autora é responsável parcialmente pelas constantes intrusões do narrador na narrativa a fim de explicar e justificar o comportamento das personagens cujas qualidades heróicas o leitor procura em vão detectar.

As personagens clariceanas têm recebido inúmeras críticas dos estudiosos de literatura. Benedito Nunes observa que "... as personagens de Clarice Lispector são mais pacientes do que agentes de uma experiência interior que não podem controlar, e onde nada há de permanente a não ser a paixão da existência que também lhes é comum".<sup>8</sup> Haroldo Naudet considera suas personagens incompletas psicologicamente porque não possuem auto-determinação.<sup>9</sup> Luiz Costa Lima fala das "interferências afrontosas à autonomia das personagens",<sup>10</sup> que são como bonecos nas mãos da autora. Massaud Moisés, depois de assinalar que suas personagens "parecem sempre iguais, resumem-se num só personagem, constituem mais modos de ser ou de situações-paradignas do homem no mundo que representações ficcionais do mundo real" explica o seu pequeno número: "dez ou cem acabam dando idêntico resultado como índice da mediania e, portanto, da banalidade".<sup>11</sup> A par dessas constatações, chamou-me particularmente a atenção o ócio das personagens. A grande maioria delas não apenas não trabalha como também não se ocupa, a não ser com o próprio ego. Essa é uma das razões por que me parecem pouco convincentes. Encontrei em Hannah Arendt<sup>12</sup> uma explicação mais científica para tal inconsistência. Segundo a filósofa americana, são três as atividades humanas fundamentais do que chama de "**vita activa**": **labour** (labor, esforço), **work** (trabalho) e **action** (ação). **Labour** corresponde aos processos biológicos do corpo humano, é a própria vida, e nesta categoria estão incluídas, pois, as sensações; **work** é a atividade não natural da existência, responsável pela criação de um mundo artificial de coisas, os artefatos humanos; é o trabalho, a atividade, pois; e **action**, é a atividade que se processa entre os homens, correspondendo à condição de pluralidade, ao fato de que os homens, e não o homem, habitam o mundo. Ora, aplicando-se o esquema de Arendt às personagens clariceanas observa-se que nelas predomina de forma quase absoluta a primeira categoria, "labour", o que é evidente na importância quase exclusi-

va dada às sensações, ao vital. "Work" e "action" são praticamente sufocadas pela primeira atividade, em maior ou menor grau, dependendo do romance. No entanto, no último romance ocorre o inverso. Macabêa é moldada e assassinada pelo meio em que vive. Assim, "action" e "work" sufocam "labour" em **A Hora da Estrela**.

Cabem, aqui, pois, algumas observações sobre o último romance de Clarice. Nele a autora mostra uma preocupação com o social que apenas esboçara no romance anterior, **Uma Aprendizagem** ou **O Livro dos Prazeres**. No entanto, embora novo em seu conteúdo ideológico o romance é, paradoxalmente, bastante tradicional em sua forma. Nele a autora parece se entregar completamente ao prazer de falar na primeira pessoa e à sua incapacidade de distanciamento da obra criada, aliás totalmente desnecessário neste livro. Até mesmo a epifania que ocorre ao final é experimentada pelo narrador ao invés da personagem. Talvez mais do que nos romances anteriores é em **A Hora da Estrela** que a **palavra** é a **personagem** principal.

O paradoxo entre conteúdo ideológico inovador e forma tradicional leva-me a crer que Clarice Lispector ainda teria um belo caminho interior a percorrer que, inevitavelmente, se refletiria numa obra mais madura, tanto técnica quanto filosoficamente, e mais satisfatória para um leitor que aprecie a lógica.

#### NOTAS

<sup>1</sup>Nunes, Benedito. **O Mundo de Clarice Lispector**. Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966, 77 p.

———. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Edições Quiron, 1973, 155 p.

<sup>2</sup>Brasil, Assis. **Clarice Lispector**. Rio, Simões, 1979, 78 p.

<sup>3</sup>Lima, Luiz Costa. **Por que Literatura**. Petrópolis, Vozes, 1966, 126 p.

———. Clarice Lispector. In: COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil** (vol. V Modernismo) Rio, Ed. Sul-Americana S.A., 1970, p. 449-72.

<sup>4</sup>Sá, Olga de. **A Escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis, Lorena, Ed. Vozes Ltda., Faculdades Integradas Teresa d'Ávila, 1979, 278 p.

- <sup>5</sup>Sant'Anna, Affonso Romano de. Clarice; a Epifania da Escrita. In: LISPECTOR, Clarice - **A Legião Estrangeira**. São Paulo, Ed. Ática, 1977.
- <sup>6</sup>Lispector, Clarice. **Água Viva**. Rio, Ed. Nova Fronteira, 1978, p. 24 e 17.
- <sup>7</sup>Brasil, op. cit., p. 82-85.
- <sup>8</sup>Nunes, **Leitura de Clarice Lispector**, cit., p. 99.
- <sup>9</sup>Naudet, Haroldo. C.S.C. O Tema da Liberdade nas Narrativas de Clarice Lispector. Minas Gerais, 29.abril 1972, supl. Lit. nº 296, p. 6-7.
- <sup>10</sup>Lima, Clarice Lispector, cit., p. 467.
- <sup>11</sup>Moisés, Massaud. Clarice Lispector: ficção e cosmovisão. **O Estado de São Paulo**, 26 set. 1970, supl. Lit. nº 689, p. 1.
- <sup>12</sup>Arendt, Hannah. **The Human Condition**. Chicago, The Univ. of Chicago Press, 1974, p. 7.

#### OBRAS CITADAS DE CLARICE LISPECTOR

- Perto do Coração Selvagem**. Rio, Ed. Nova Fronteira, 1980, 216 p.
- O Lustre**. Rio, Ed. Paz e Terra S.A., 1976, 324 p.
- A Cidade Sitiada**. Rio, Livraria José Olympio Ed., 1975, 196 p.
- A Maçã no Escuro**. Rio, Ed. Nova Fronteira, 1982, 321 p.
- A Paixão Segundo G.H.** Rio, Ed. Nova Fronteira, 1979, 175 p.
- Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres**. Rio, Ed. Nova Fronteira, 1980, 174 p.
- Água Viva**. Rio, Ed. Nova Fronteira, 1978, 97 p.
- A Hora da Estrela**. Rio, Livraria José Olympio Ed., 1979, 104 p.

